

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

VICTOR OSÓRIO DIEGOLI PAFFETTI

**TRADUTORES-INTÉRPRETES: PERFIS DE CINCO
PROFISSIONAIS DO CONTEXTO PAULISTA**

BAURU
2010

VICTOR OSÓRIO DIEGOLI PAFFETTI

**TRADUTORES-INTÉRPRETES: PERFIS DE CINCO PROFISSIONAIS DO
CONTEXTO PAULISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas da Universidade Sagrado Coração como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Tradução, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fátima de Gênova Daniel.

BAURU
2010

VICTOR OSÓRIO DIEGOLI PAFFETTI

TÍTULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas da Universidade Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Tradução, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fátima de Gênova Daniel.

Banca examinadora:

Bauru, 19 novembro de 2010.

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio durante todo o curso de Tradução, por acreditarem em mim e nunca me deixarem desistir.

Um agradecimento especial à Prof. Dr^a Marileide Dias Esqueda, por sempre ter me incentivado com a língua inglesa e com o curso universitário em si.

À minha professora e orientadora, Prof^a Dr.^a Fátima de Gênova Daniel, por estar presente em todos os momentos que precisei para a realização desta pesquisa, por sua paciência e determinação durante a orientação e por sua ajuda na escolha do tema deste estudo.

Por último, à Prof.^a Ms. Patrícia Viana Belam, por todo carinho e incentivo durante o curso de Tradução.

A todos, imensamente, meu muito obrigado.

RESUMO

Devido à globalização, a demanda por trabalhos de interpretação aumentou, fato este que fez com que algumas instituições de ensino começassem a oferecer o curso específico de interpretação. Esta pesquisa, de teor bibliográfico descritivo, e com base nos estudos de Jones (2002), França (2003), Pagura (2003) e Magalhães (2007), intenta propor uma reflexão quanto à origem da interpretação simultânea, bem como evidenciar a diferença entre o profissional da tradução e da interpretação, elencar as características das modalidades de interpretação, além de trazer e discutir os perfis de cinco intérpretes do contexto Paulista. Para tal, foram analisados dados coletados por meio de questionários. Tais dados englobam aspectos relacionados ao desempenho e experiência profissional dos intérpretes, bem como formação acadêmica e questões específicas concernentes à interpretação.

Palavras-chave: intérprete; interpretação; interpretação simultânea.

ABSTRACT

Due to globalization, the demand for interpreting services has increased, which led some education institutions to offer a specific course to supply that need. This bibliographical descriptive investigation, based on the studies by Jones (2002), França (2003), Pagura (2003) and Magalhães (2007), intends to suggest a reflection on the origins of simultaneous interpretation, discuss the difference between translators and interpreters, list characteristics of interpretation modalities and analyze the profiles of five interpreters from São Paulo State. In order to accomplish that, we analyzed data collected from the interpreters by means of a questionnaire, which included personal data, education, experience and professional performance, as well as specific questions concerning interpretation.

Keywords: Interpreter; Interpretation; Simultaneous interpretation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Nuremberg, Alemanha, de 9 de dezembro de 1946 a 20 de agosto de 1947.	23
Figura 2– Nuremberg, Alemanha, novembro de 1945.	24
Figura 3– Conselho de Segurança da ONU. Ao fundo, encontram-se as cabines de intérpretes.	25
Figura 4- Exemplos de simbologia.	37
Gráfico 1- Média de idade das intérpretes.....	39
Gráfico 2- Intérpretes: formação acadêmica	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIIC - Association Internationale des Interprètes de Conférence

APIC - Associação Profissional de Intérpretes de Conferência

ATA - American Translators Association

NAATI - National Accreditation Authority for Translators and Interpreters

ONU - Organização das Nações Unidas

PUC–SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	20
1 INTERPRETAÇÃO NO MUNDO -----	22
1.1 A CRIAÇÃO DA AIIC -----	25
1.2 CURSOS DE INTERPRETAÇÃO NO EXTERIOR-----	26
2 INTERPRETAÇÃO NO BRASIL -----	28
2.1 A APIC -----	29
2.2 CURSOS DE INTERPRETAÇÃO NO BRASIL -----	29
3 A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO-----	30
3.1 A TEORIA DA INTERPRETAÇÃO -----	32
3.2 MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO-----	33
3.2.1 Interpretação Consecutiva -----	33
3.2.2 Interpretação Simultânea-----	33
3.2.3 Interpretação Intermitente-----	34
3.3 TÉCNICAS UTILIZADAS DURANTE O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO -	34
3.3.1 Compreensão-----	34
3.3.2 Análise do tipo de discurso -----	35
3.3.3 Análise das principais ideias-----	35
3.3.4 Memorização-----	35
3.3.5 Vocabulário Terminológico-----	36
3.3.6 Anotações ou “ <i>Note-Taking</i> ”-----	36
4 “REGRAS DE OURO” DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA -----	38
5 ANÁLISE DOS DADOS -----	39
5.1 Perfis das participantes -----	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	46
REFERÊNCIAS -----	47
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO -----	48

1 INTRODUÇÃO

Intérpretes e tradutores são profissionais distintos, e embora a diferença pareça óbvia para as pessoas do âmbito, muitas tendem a confundir essas duas profissões. Ambas têm como instrumento determinadas línguas; porém, o profissional da interpretação atua com a oralidade, ao passo que os tradutores atuam com a escrita. Faz-se necessário estabelecer algumas diferenças entre essas áreas.

Este estudo, de teor bibliográfico, tem como objetivo contextualizar a interpretação historicamente no mundo e no Brasil, elencar algumas instituições que oferecem o curso de intérprete no mundo, dividindo-as por continente, e posteriormente, no Brasil. Outro objetivo é descrever as modalidades de interpretação, isto é, consecutiva, simultânea ou intermitente. Além desse propósito, esta pesquisa intenta analisar cinco questionários respondidos por intérpretes do contexto paulista atuantes nos dias de hoje, a fim de elencar sua formação acadêmica, conhecimento prévio em áreas específicas, fatores de importância durante a prática da interpretação simultânea e técnicas e exercícios propostos que otimizam a atuação do profissional.

Para tal, centramo-nos teoricamente nos estudos de Reynaldo José Pagura, Professor Assistente Mestre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC–SP) e Professor da Associação Alumni. Atua no tema Historiografia da Tradução e Interpretação, escreveu em 2003 o artigo “A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores” (2003), traçando historicamente o papel do intérprete e abordando as principais teorias acerca da interpretação.

Consideramos também ser de importância teórica a tese de doutorado de Lúcia Helana França, intitulada “Um curso de interpretação glocal”, defendida no ano de 2003 junto ao Departamento de Letras da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. John Milton. A autora utiliza o termo *glocal* para revelar que a atuação do intérprete é, ao mesmo tempo, global, para atender aos preceitos da globalização, e ao mesmo tempo local, para atender à comunidade com a qual trabalha e à qual pertence.

Para uma perspectiva mais prática, utilizaremos a obra de Ewandro Magalhães Junior, tradutor e intérprete de conferências desde 1992. Em 2007, lançou seu livro “Sua Majestade, O Intérprete”, que relata suas experiências como intérprete.

Além de Magalhães (2007), também utilizaremos a obra de Roderick Jones, que lançou, como segunda edição, em 2002, seu livro “Conference Interpreting Explained”, trazendo dicas e sugestões para aqueles que almejam a carreira de intérprete.

Este estudo será dividido em três partes. A primeira etapa abrangerá os desdobramentos históricos quanto à interpretação, dividida em dois capítulos, Interpretação no mundo e Interpretação no Brasil. A segunda abordará as modalidades de interpretação bem como as técnicas para o desempenho das mesmas, e a terceira, analisará os dados coletados por meio de questionários enviados a intérpretes, os quais foram divididos em quatro partes, sendo a primeira de caráter pessoal, a segunda, acadêmico, a terceira, profissional e, por fim, a quarta e última, relacionada a questões específicas quanto à interpretação.

Este trabalho justifica-se, portanto, por promover uma melhor compreensão dos aportes teóricos e práticos que norteiam a interpretação, bem como as especificidades da área. Este estudo poderá servir como ferramenta para auxiliar aqueles que almejam ingressar para a carreira de intérprete, uma vez que as referências sobre a área são extremamente escassas.

2 INTERPRETAÇÃO NO MUNDO

Este capítulo tem como objetivo traçar alguns aspectos históricos acerca do intérprete. Segundo Pagura (2003), a interpretação existe há muito tempo. A referência mais antiga parece ser um hieróglifo egípcio do terceiro milênio antes de Cristo. Ainda existem registros de intérpretes na antiga Grécia e no Império Romano.

O intérprete também é citado na Bíblia, em I Coríntios 14:28, “E se alguém fala em língua desconhecida, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete”.

Na Idade Média, a presença de intérpretes está documentada nas Cruzadas e em encontros diplomáticos. Posteriormente, no Novo Mundo, podem-se citar como exemplo as expedições realizadas por Colombo, em sua conquista ao novo continente. Ainda no Novo Mundo, o intérprete que aparece em um caso mais conhecido é Doña Maria, intérprete de Cortez, em sua conquista do México.

Após alguns séculos, com a Primeira Guerra Mundial, as interpretações de conferência tiveram início. Houve a necessidade de interpretação do inglês e francês, pois os EUA entraram para a guerra e nem todos tinham a fluência necessária para entender ambas as línguas.

O primeiro intérprete moderno foi Paul Mantoux, nascido na França, e que participou das conferências que negociaram o Tratado de Versalhes em 1919.

Com o final da Segunda Guerra Mundial e o Julgamento de Nuremberg dos criminosos de guerra alemães, realizado em 1945, houve a necessidade de realizar um julgamento em quatro línguas principais: inglês, francês, russo e alemão. Não seria adequado utilizar a interpretação consecutiva, pois a mesma alongaria o julgamento, dificultando o seu fluxo, então jovens intérpretes consecutivos e outras pessoas com excelente conhecimento linguístico foram convocados para um treinamento em interpretação simultânea, dando início, assim, ao desenvolvimento dessa tipologia de interpretação. Segundo Magalhães (2007, p.177):

A interpretação simultânea, de cabine, nasceu no pós-guerra e teve como sala de parto os tribunais de Nuremberg, em que foram julgados os nazistas acusados de atrocidades e crimes de indiscutível vileza durante a Segunda Guerra Mundial.

Realizou-se, nesse momento histórico, a junção entre aparato tecnológico que pudesse transmitir áudio efetivamente e comunicação envolvendo até 14 línguas diferentes. No total, foram 13 julgamentos que aconteceram entre 1945 e 1949.

Para melhor explicar o contexto, há abaixo duas imagens. Na Fig.1 podemos observar os equipamentos de áudio e fone e Karl Brandt testemunhando durante o julgamento dos médicos. Na Fig.2, o Julgamento de Nuremberg, no qual podem ser notados equipamentos e aparatos tecnológicos antigos. Os intérpretes faziam traduções simultâneas dos procedimentos. Nesta foto, eles estão direcionando as interpretações por meio de um painel de controle aos participantes no julgamento.



Figura 1– Nuremberg, Alemanha, de 9 de dezembro de 1946 a 20 de agosto de 1947.



Figura 2– Nuremberg, Alemanha, novembro de 1945.

Em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada, substituindo a antiga Liga das Nações, e tinha como objetivo deter guerras entre países. Alguns intérpretes que atuavam no julgamento de Nuremberg foram deslocados, uma vez que a mesma não funcionaria sem os serviços prestados por intérpretes. A ONU tem, até hoje, seis línguas oficiais, sendo elas o inglês, francês, espanhol, russo,

chinês e árabe. Na imagem a seguir (Fig.3), será ilustrado o conselho de segurança da ONU.



Figura 3– Conselho de Segurança da ONU. Ao fundo, encontram-se as cabines de intérpretes.

2.1 A CRIAÇÃO DA AIIC

Em 1953, a pioneira AIIC (*Association Internationale des Interprètes de Conférence*) é fundada na Europa, com sede em Genebra, na Suíça. Atualmente, a AIIC abrange 96 países, contando com 2986 profissionais, que, juntos, oferecem serviços em 50 línguas diferentes, de acordo com os dados em seu site na rede mundial de computadores.

Do número total de profissionais citado acima, 2650 trabalham como *freelancers* e 336 são empregados, sendo 2231 do sexo feminino e 755¹ do sexo masculino. A maioria dos intérpretes está localizada na região da França, seguida da Alemanha e Itália. Segundo França (2003), a associação tem como objetivo representar a profissão e agir em favor de todos os intérpretes de conferência,

¹ Dados disponíveis no site WWW.aic.net, último acesso em 20 de setembro de 2010.

contribuindo para o bem geral dos profissionais da área. Para fazer parte dessa associação, o intérprete deve ser indicado por outro que já seja membro, e os mesmos terão seu currículo e trabalho em cabine examinados.

Pode-se considerar uma vantagem ser associado à AIIC, pois, assim, o intérprete tem maior visibilidade no mercado de trabalho, além de poder acessar informações no banco de dados on-line e no Anuário impresso da AIIC. Os mesmos também terão descontos em cursos de aperfeiçoamento e demais benefícios. A associação que representa a AIIC no Brasil é a APIC, como será abordado posteriormente.

2.2 CURSOS DE INTERPRETAÇÃO NO EXTERIOR

Neste tópico, realizaremos uma breve análise das principais instituições que oferecem o curso de interpretação no exterior, assim explanadas de acordo com seu continente. Para tal, utilizaremos o estudo de França (2003).

EUROPA

Até hoje, as principais escolas de interpretação estão localizadas na Europa. A Universidade de Genebra, fundada em 1941, foi a pioneira na área. Podemos citar como as universidades mais tradicionais a Universidade da Sorbonne, a Universidade de Westminster em Londres, a Universidade de Trieste na Itália e a Universidade do Minho em Portugal, sendo esta última a única universidade da Europa que oferece o português como língua A.

Segundo França (op. cit.), os cursos europeus oferecem matérias de Teorias da Interpretação, Economia, Política, Direito, Terminologia de Conferência, entre outros.

Os cursos de interpretação são privilegiados na Europa, uma vez que são os europeus quem mais precisam dos serviços de intérpretes no mundo.

França (op. cit.) faz a seguinte afirmação em relação às universidades européias:

O espírito de colaboração e o grau de sintonia entre as escolas européias de um modo geral culminaram com a instituição, em 1997, de um projeto piloto, que depois passou a ser chamado de consórcio, intitulado *The European Masters in Conference Interpreting*, concebido pela comissão

conjunta de Serviços de Interpretação de Conferência (JICS) e o Parlamento Europeu. As oito instituições que inicialmente a ele subscreveram, adotaram políticas comuns sobre a seleção e avaliação de alunos e comprometeram-se a manter a qualidade e fazer revisões regulares do programa para adaptá-lo às mudanças de exigências e aos novos acontecimentos. Esse projeto foi expandido e hoje já conta com 15 instituições de ensino e interpretação localizados na Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Hungria, Itália, Polônia, Reino Unido, República Tcheca, Suécia e Suíça. (p.33)

AMÉRICA DO NORTE

Nos EUA, não existem muitos cursos formadores de intérpretes e podemos considerar como um fator que justifica tal fato, o treinamento oferecido pelas próprias empresas contratantes. Nota-se uma demanda de mercado mais concentrada nas áreas judicial e comunitária.

Podemos elencar algumas universidades que oferecem cursos de intérprete, sendo elas, Rutgers University em Nova Jersey, Kent University em Ohio, University of Charleston na Carolina do Sul e University of Massachusetts Amherst.

O fluxo de imigração favoreceu a atuação do intérprete nos EUA, uma vez que as escolas e hospitais são obrigados a fornecer serviços de interpretação para os imigrantes.

No Canadá, a Universidade de Ottawa oferece o curso de Mestrado em Interpretação de Conferência, que objetiva formar intérpretes para trabalhar para o governo. O treinamento é intensivo e há embasamento jurídico, além de teoria de interpretação, técnicas de processamento de informação e documentação de conferência.

OCEANIA

Segundo França (op. cit.), há algumas universidades que ofertam o curso de interpretação na Austrália e na Nova Zelândia.

Na Nova Zelândia, a Universidade de Auckland oferece um curso de interpretação na qual, para ingressar, o pretendente deverá ter curso superior completo, além de ter proficiência nas línguas nas quais pretende interpretar.

Na Austrália, na Universidade de Queensland, o formato do curso tem caráter de mestrado. Já na Universidade de Western Sidney, o curso de interpretação oferecido tem caráter de pós-graduação.

Deve-se salientar que na Austrália os cursos devem ser credenciados pela NAATI (*National Accreditation Authority for Translators and Interpreters*).

3 INTERPRETAÇÃO NO BRASIL

Este capítulo traçará um breve histórico da interpretação no Brasil. Segundo Wyler (2003), a tradução oral teve início com o descobrimento do Brasil, ao passo que a tradução escrita apareceu somente em 1549. Os tradutores de linguagem oral eram chamados de *língua*, os quais foram institucionalizados pelos colonizadores europeus imediatamente. Já os tradutores escritos passam a ser contratados pela instituição colonial em 1808, com a fundação da Imprensa Régia. O primeiro intérprete (ou *língua*) europeu a se formar em terras brasileiras foi Afonso Ribeiro.

Com o decorrer do tempo, os *línguas* tiveram sua oficialidade reconhecida de maneira diferente, conforme Wyler (2003, p. 38) afirma.

(...) os *línguas* que participavam de entradas oficiais passaram a receber a patente de ‘cabos’ e ‘cabos de entrada’ e serem nomeados pela mais alta autoridade local. Essa alteração terminológica parece indicar a integração de intérpretes à tropa ou a designação de militares bi/plurilíngües para exercerem as funções de intérprete. A segunda hipótese encontra confirmação documental em episódios antigos e mais recentes da história militar do país: a expedição oficial ou entrada organizada pelo governador Lourenço da Veiga, de Pernambuco ao sertão do rio São Francisco, levava ‘por cabo Diogo de Craxto, que já havia ido da Bahia a outras entradas.

Com a expansão do comércio exterior, os intérpretes começaram a trabalhar para portos, tornando-se, assim, os denominados ‘tradutores jurados da praça’, que tinham como algumas de suas funções passar certidões e traduzir livros, documentos e papéis escritos em língua estrangeira a serem apresentados em juízo ou em repartições comerciais.

Em 1943, criou-se um decreto, o qual estabelecia que a nomeação de intérpretes fosse feita por meio de concurso público classificatório, promovido pelas Juntas Comerciais.

3.1 A APIC

Em julho de 1971, oito intérpretes de São Paulo reuniram-se para fundar a APIC (Associação Profissional de Intérpretes de Conferência), nos moldes da Associação Internacional - AIIC - que então já funcionava há 18 anos, com sede em Genebra. A APIC nasceu da necessidade de reunir em um órgão de classe os profissionais ativos no campo da interpretação simultânea e consecutiva.

Como observamos em nossa pesquisa no site da APIC na rede mundial de computadores, os objetivos da Associação são os seguintes: zelar pela qualidade da atuação profissional, exigindo de seus membros que só aceitem aqueles contratos de trabalho para os quais estão tecnicamente qualificados; representar, proteger e defender os interesses de seus membros; estabelecer as condições de trabalho que devem ser respeitadas por seus membros; propor a adoção de normas técnicas para a instalação de equipamento de interpretação simultânea em salas de conferência, de acordo com os padrões ISO e AIIC; manter contato com instituições congêneres, nacionais e estrangeiras, assim como com entidades de ensino da profissão.

A APIC conta com 92 membros efetivos, 20 membros correspondentes, 16 membros candidatos e cinco membros credenciados. A associação disponibiliza serviços em 12 línguas, sendo elas, português, inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, japonês, hebraico, holandês, húngaro, servo-croata e sueco.

Como consta no site da APIC, os candidatos que desejam se tornar “Intérpretes Credenciados APIC” devem passar por uma avaliação, na qual são traduzidos quatro arquivos de áudio, cuja duração pode variar de 5 a 12 minutos. O tempo total de prova não deverá exceder 45 minutos. Os temas a serem abordados são variados, atuais e procuram retratar a realidade do dia a dia de um intérprete de conferência.

3.2 CURSOS DE INTERPRETAÇÃO NO BRASIL

Neste tópico, serão discutidas as principais instituições que oferecem o curso de interpretação no Brasil.

De acordo com França (2003), a instituição mais antiga no Brasil é a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ), que oferta o curso de formação de Intérpretes de Conferência desde 1971, cujo caráter é de pós-graduação e tem

duração de dois anos. Entre as disciplinas que compõem o curso estão a de Dicção e Imposição de Voz, Atenção e Concentração e Princípios Teóricos e Pragmáticos. O curso abrange tanto a prática da interpretação simultânea como a interpretação consecutiva.

Em São Paulo, encontra-se a Associação Alumni, que oferece o curso de Tradução e Interpretação, com duração de dois anos. Essa Associação tem como diferencial o nível elevado do seu teste de admissão.

O curso mais recente é o da PUC – SP, que foi iniciado em 1999. O curso tem duração de dois anos, engloba ambas as interpretações consecutiva e simultânea.

4 A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO

Neste tópico, elencaremos algumas semelhanças e diferenças quanto aos processos de tradução e de interpretação. Segundo Pagura (2003), tanto na tradução como na interpretação o objetivo é fazer com que um discurso expresso em um determinado idioma seja transferido para outro. Em ambos os processos, os profissionais devem compreender o texto original, desverbalizar sua forma linguística e expressar em outra língua as ideias compreendidas e os sentimentos experimentados, tanto no discurso oral como no escrito.

Outra semelhança é o fato de que ambos os profissionais da língua escrita ou falada devem ser proficientes nos dois idiomas envolvidos no processo. Segundo Pagura (op. cit), alguns tradutores podem compreender plenamente um texto escrito e traduzi-lo satisfatoriamente, embora não possam compreender a linguagem falada, o que, conseqüentemente, acarretaria em dificuldades para que o mesmo realizasse uma interpretação. Em contrapartida, o intérprete recebe toda a mensagem em forma oral, devendo, então, ser capaz de perceber sutilezas de pronúncia, entonação, além de identificar as variantes regionais do idioma estrangeiro.

Tanto o tradutor quanto o intérprete devem ser capazes de compreender ideias pertinentes às mais diversas áreas do conhecimento, sem serem especialistas na área, como podem ser seus leitores ou ouvintes. Com a globalização e o desenvolvimento de conhecimentos específicos, ambos os tradutores e os intérpretes devem estar atualizados constantemente nas áreas de conhecimento

com as quais trabalham, além de consultarem especialistas da área quando se fizer necessário.

Outro fator importante presente em ambas as áreas é o papel da memória. Nota-se que as bases dos processos inferenciais nos dois processos são formadas por pressuposições contextuais existentes, como afirmam Alves et Pagura (2002), *Tanto a interpretação quanto a tradução podem ser vistas como processos que fazem parte do espectro de processos inferenciais humanos e podem ser explicadas como parte de uma visão mais ampla da comunicação humana.* (p.76)

A seguir, elencaremos algumas diferenças entre a interpretação e a tradução. O processo tradutório, ao longo de sua realização, pode ser interrompido, para consultas em dicionário, banco de dados, na rede mundial de computadores e até mesmo com profissionais da área. O contrário ocorre na interpretação, processo que não pode ser interrompido, pois os intérpretes devem tomar decisões em segundos, cabendo aos mesmos, então, realizar um estudo previamente.

A tradução, enquanto texto escrito, passa por processo de revisão, além de poder ser alterada posteriormente, ao passo que a interpretação é final. O resultado do processo tradutório é permanente, os textos são lançados e editados, podendo ser vistos posteriormente. Ao contrário, na interpretação, o resultado desaparece após o final do evento.

Os processos de tradução e interpretação se diferem também quanto ao ritmo em que são desempenhados. Ao passo que um tradutor faz em média, a tradução de 50 linhas em duas horas, o intérprete realiza a interpretação de 50 linhas em oito minutos. Segundo Seleskovitch (1978, apud. PAGURA 2003) a interpretação ocorre em uma velocidade “30 vezes maior” que o processo de tradução.

Normalmente, a tradução é realizada por um profissional isolado, que recorre ao uso de dicionários, banco de dados, glossários, entre outros. Eventualmente, o mesmo pode consultar colegas a fim de obter uma melhor solução para a tradução mais satisfatória. Por outro lado, na interpretação, o profissional trabalha em grupo a todo o momento, dividindo o seu trabalho com o seu parceiro.

4.1 A TEORIA DA INTERPRETAÇÃO

Para a explanação teórica de interpretação, utilizaremos o artigo de Pagura (2003). Segundo o autor, a teoria que tem maior destaque é a *théorie du sens*, do francês, Teoria Interpretativa da Tradução, desenvolvida por Danica Seleskovitch, através de sua experiência como intérprete de conferência. Essa teoria é aplicada tanto na tradução escrita como na tradução oral.

Os principais postulados teóricos são divididos em três partes, segundo Selesckovitch (1975, apud, PAGURA 2003).

Primeiramente, percepção auditiva de um enunciado lingüístico que é portador de significado. Apreensão da língua e compreensão da mensagem por meio de um processo de análise e exegese; segundo, abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental da mensagem (conceitos, ideias, etc.); e terceiro, a produção de um novo enunciado na língua-alvo, que deve atender a dois requisitos: deve expressar a mensagem original completa e deve ser voltado para o destinatário.

Analisaremos, agora, cada um dos três passos descritos acima. Na primeira etapa, a mensagem é recebida pelo intérprete como forma linguística, e então o mesmo a transforma em sentido, englobando o contexto verbal, contexto situacional e contexto cognitivo.

A segunda etapa é a chamada “desverbalização”, que consiste na percepção de ideias ou sentido expresso no discurso. À medida que os sentidos são percebidos, as suas formas verbais desaparecem, restando somente a consciência, a partir da qual o intérprete expressará o sentido, sem prender-se às formas linguísticas da língua de partida.

A terceira etapa consiste na chamada “reverbalização”. Nesse estágio, o intérprete reformula a mensagem já compreendida. Segundo Seleskovitch (1978, apud. PAGURA 2003), *o novo anunciado deverá atender a dois critérios básicos: a mensagem original deve ser completa, provida de todos os detalhes e deve refletir as características da língua de chegada.*

4.2 MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO

Neste tópico, serão abordadas as três principais modalidades de interpretação, utilizando os estudos de Pagura (2003) e Magalhães (2007).

4.2.1 Interpretação Consecutiva

Na interpretação consecutiva, o intérprete escuta um longo trecho do discurso por um determinado tempo, lançando mão da técnica de anotação, em inglês, *note-taking* e, após escutar esse discurso na língua fonte, o discurso é vertido para a língua alvo, que geralmente é sua língua materna.

Essa modalidade não é mais tão utilizada em eventos internacionais nos dias de hoje, devido à extensão da demanda de tempo exigida pela mesma, sendo apenas desempenhada em pequenos eventos, que normalmente envolvem duas línguas.

Segundo Pagura (2003), a prática da interpretação consecutiva é de suma importância para os intérpretes, uma vez que é por meio dessa que técnicas importantes são desenvolvidas e, assim, aplicadas na interpretação simultânea, como por exemplo, a capacidade de compreensão e análise do discurso de partida.

4.2.2 Interpretação Simultânea

Nessa modalidade, os intérpretes normalmente atuam em duplas, dentro de uma cabine de vidro, a partir da qual se pode ter uma visão ampla do evento e do orador, recebendo o discurso por meio de fones de ouvido. Após ser recebida, ela é interpretada e transmitida por meio do microfone que leva o som até os fones de ouvido dos participantes. A vantagem dessa modalidade é poder interpretar o discurso para várias línguas ao mesmo tempo, uma vez que o equipamento permita. Segundo Magalhães (2007), o termo “simultâneo” é utilizado inapropriadamente, pois a interpretação não é realizada de maneira simultânea, uma vez que os intérpretes precisam de um determinado tempo para processar as informações e realizar a interpretação das mesmas.

A interpretação simultânea pode ser realizada também de forma “cochichada”, mais comumente chamada de “chuchotage” (termo francês) ou sussurrada, do inglês *whispering*. Dessa forma, o intérprete senta-se próximo a um ou dois ouvintes e interpreta de forma simultânea o discurso para outro idioma.

4.2.3 Interpretação Intermitente

Essa modalidade também é conhecida como “sentence-by-sentence” ou “ping-pong”. Segundo Pagura (2003), não se utiliza esse tipo de interpretação em eventos internacionais, uma vez que frequentemente ela é desempenhada em reuniões nas quais se pede para uma pessoa bilíngue realizar a interpretação. Nessa modalidade, o orador fala um pequeno trecho e faz uma pausa e, assim, a pessoa responsável pela interpretação ouve parte do discurso e interpreta, normalmente sem levar em consideração os aspectos situacionais, que são de suma importância para o processo interpretativo.

4.3 TÉCNICAS UTILIZADAS DURANTE O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

Neste tópico, utilizaremos o estudo de Jones (2002) para elencar técnicas altamente relevantes desempenhada pelos intérpretes durante o processo interpretativo, entre elas a compreensão, análise do tipo de discurso, análise das principais ideias, memorização, vocabulário terminológico e anotações (*note-taking*).

4.3.1 Compreensão

Segundo Jones (op. cit.), o intérprete deve compreender as ideias e não as palavras. As principais ideias podem ser inferidas sem necessariamente que o intérprete conheça cada uma das palavras mencionadas no discurso. Uma técnica utilizada para que o intérprete fique sempre atento é perguntar a si mesmo “O que ele(a) (orador) quer dizer?”, uma vez que existe a necessidade de compreender significados em frações de segundos.

4.3.2 Análise do tipo de discurso

Os intérpretes devem saber com que tipos de discursos lidarão, sejam eles discursos que apresentem oposições de ideias acerca de um determinado tema, ou ainda que tenham caráter narrativo ou descritivo. Segundo Jones (2002), uma atenção especial deve ser dada aos marcadores discursivos que, no caso da língua inglesa, são comumente apresentados na linguagem oral por *but, however, on the other hand, as, given that, therefore, consequently, because, thence*, entre outros.

4.3.3 Análise das principais ideias

Uma vez que os intérpretes traduzem ideias, e não palavras, os mesmos devem saber como dissociá-las, a fim de reorganizá-las e expressá-las em outra língua. Segundo Jones (op. cit.), para realizar uma análise o intérprete deve ter em mente a sequência verbo, sujeito e objeto, e então analisar as ligações entre eles, perguntando-se “Quem fez o quê?” e “Quem disse o quê?”. A fim de melhor compreender as ligações entre ideias, o autor sugere mais uma vez que os intérpretes considerem relevante a análise dos marcadores discursivos, pois são esses que exprimem as ligações entre ideias. Na língua inglesa, eles podem ser, por exemplo, *as a result, so, since, due to, and*.

4.3.4 Memorização

De acordo com Jones (op. cit.), o intérprete deve realizar a memorização de um novo termo com referência a algum conhecimento prévio, técnica essa que ajuda o intérprete a cultivar o uso da memória recente. Em seu livro, o autor ilustra essa técnica citando a história de um candidato a um emprego que precisaria memorizar vinte palavras sem fazer quaisquer anotações. As palavras eram: pai – casa – gravata – autorizar – químico – ansiedade – amor – foto – rato – prato – Wagner – luz do sol – gaiola – apagar – espetáculo – tubarão – presidencial – Praga – submeter-se – dentes.

O candidato se recordou de quase todas as palavras. Ele explicou que, para recordá-las, fez uma ligação mental entre elas, e as associou a um conhecimento pré-existente. Imaginou seu pai usando uma gravata, vindo para casa, em pé em frente a uma gaiola, olhando um rato em um prato. Lembrou-se de uma apresentação que viu na T.V. para recordar-se de Wagner, e de um filme para recordar de tubarão. E para as últimas duas palavras, imaginou-se sentado em uma cadeira submetendo-se a um tratamento dentário.

4.3.5 Vocabulário Terminológico

O intérprete deve realizar um estudo terminológico antes de sua atuação, podendo ser por meio da elaboração de glossários pertinentes às áreas específicas para as quais interpreta. Os novos termos aprendidos serão somados a sua experiência profissional, abrangendo o seu conhecimento em áreas específicas com o decorrer de sua atuação.

4.3.6 Anotações ou “*Note-Taking*”

O intérprete lança mão dessa técnica para anotar abreviaturas e acrossemias, além de “desenhar” símbolos que irão proporcionar uma melhor memorização do discurso falado. Esse processo é mais rápido do que a escrita. Um único símbolo pode representar uma ideia inteira, segundo Seleskovitch e Lederer (2002).

Cada intérprete cria seu símbolo previamente, associando-o ao seu conhecimento, empregado da maneira que melhor julgar. Eles não devem ser inventados na hora, uma vez que os mesmos não devem apresentar sentidos ambíguos, confundindo a ideia a ser interpretada.

Em nossa pesquisa na rede mundial de computadores, encontramos um site que disponibiliza alguns exemplos de símbolos, enviados por intérpretes de todo o mundo, a fim de que estudantes de interpretação possam vir a ter uma noção dos símbolos usados no dia a dia. Na figura (Fig. 4), encontram-se as ilustrações de tais símbolos.

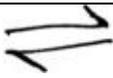
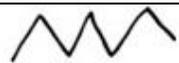
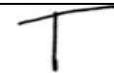
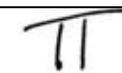
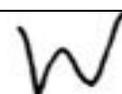
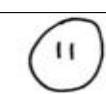
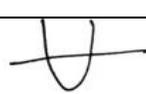
Consequências		Inflação	
Relações		Problema	
Acordo		Função	
Sucesso		Impacto	
Repressão		Comércio	
País		Políticas	
Indústria		Trabalho	
Desenvolvimento		Encontro	
Agricultura		Déficit	
Meio ambiente		Superávit	
Energia		Dinheiro	
Democracia			

Figura 4- Exemplos de simbologia.

Fonte: <<http://interpreters.free.fr/consecnotes/symbolexamples.htm>>, acesso em: 21 de outubro de 2010.

Como já mencionamos, as técnicas desenvolvidas no treinamento da modalidade consecutiva são de suma importância para o desdobramento da atuação do intérprete na modalidade simultânea, por razões já explicitadas.

5 “REGRAS DE OURO” DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

Jones (2002) elenca em seu livro algumas regras que norteiam o bom desempenho do intérprete ao realizar a interpretação simultânea. Elas são as seguintes:

- O intérprete deve sempre se lembrar de que está realizando uma comunicação.
- Fazer o melhor uso possível das técnicas de interpretação.
- Certificar-se de que podem ouvir claramente tanto o orador quanto a si mesmo.
- Nunca tentar interpretar algo que não ouviu ou não entendeu.
- Manter a concentração ao máximo.
- Não se distrair focando a atenção nos problemas linguísticos do orador.
- Cultivar atenção dividida, com audição analítica e ativa em relação ao discurso falado, monitorar a própria produção.
- Sempre que possível, utilizar sentenças curtas.
- Seguir a gramática. (norma culta)
- Fazer com que cada sentença tenha sentido.
- Finalizar todas as sentenças iniciadas.

As regras descritas acima servem como guia para o intérprete; assim, por meio delas, o profissional poderá manter melhor o seu foco não somente em sua atuação, mas também em seu papel, o que conseqüentemente otimiza o seu desempenho.

Iniciaremos, na próxima seção, a análise dos dados coletados por meio de questionários respondidos por cinco intérpretes participantes deste estudo. Inicialmente, foram contatados seis intérpretes, mas obtivemos resposta de apenas cinco. Consideramos que este é um número expressivo, levando em conta os compromissos e vida atribulada destes profissionais, com viagens e trabalhos longos a serem realizados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, com base nos questionários, tivemos os seguintes objetivos: i) traçar o perfil pessoal dos respondentes; ii) analisar a sua formação acadêmica; iii) analisar a experiência e desempenho profissional de cada um dos respondentes e, finalmente, iv) incluir questões específicas relacionadas à interpretação, isto é, técnicas e estratégias utilizadas pelos participantes.

6.1 Perfis das participantes

As respondentes I, III, IV e V têm, respectivamente, 61, 62, 65 e 60 anos de idade. Não obtivemos resposta a essa questão por parte da respondente II.

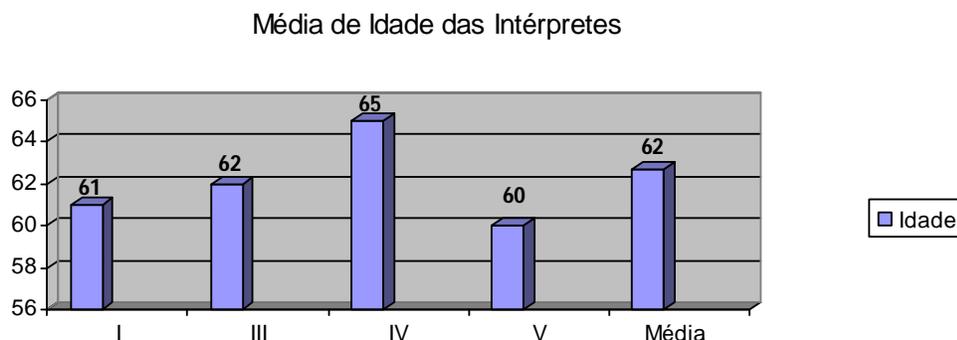


Gráfico 1- Média de idade das intérpretes

O gráfico acima ilustra as idades de cada uma das respondentes, bem como a média geral delas.

Em nossa pesquisa na rede mundial de computadores, observamos que o ramo da interpretação não exige que os pretendentes iniciem a carreira jovem, da mesma forma que não descarta os profissionais com idade avançada.²

No site da I.T.S. (*Interpretes y Traductores Salamanca*), instituição espanhola que oferece os cursos de tradução e interpretação, podemos notar que a idade dos alunos ingressantes varia de 18 a 70 anos.³

Dados obtidos em <http://oglobo.globo.com/economia/boachance/mat/2010/09/06/um-raio-da-profissao-de-tradutor-intereprete-917563682.asp> Acesso: 20 de outubro.

Formação acadêmica

Respondente I

Possui formação em Letras, dois cursos de especialização em Literatura Portuguesa e Mestrado em tradução. Não tem vivência no exterior.

Respondente II

É graduada em Psicologia, possui curso específico em Interpretação e também vivência no exterior.

Respondente III

É graduada em Administração de Empresas e possui pós-graduação em Varejo. Não estudou formalmente no exterior, apenas viajou a passeio.

Respondente IV

Concluiu o Ensino Médio e fez Secretariado no exterior e tem curso específico em interpretação.

Respondente V

É graduada em Direito, mestrada na área de Linguística Aplicada ao Ensino da língua Inglesa e doutorada em Estudos Linguísticos e Literários do Inglês. Possui cursos específicos em interpretação, bem como vivência no exterior.

³ Dados disponíveis em http://www.espanolensalamanca.com/pt/escuelasespanol/escuela_0013 Acesso em: 20 de outubro.

Intérpretes: Formação Acadêmica

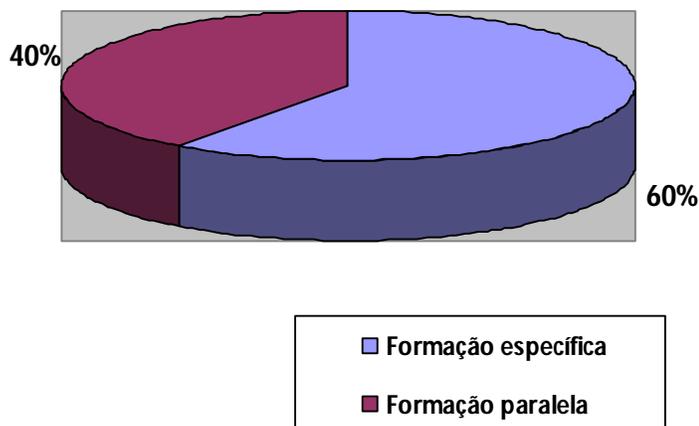


Gráfico 2- Intérpretes: formação acadêmica

Podemos observar que algumas das intérpretes possuem formação acadêmica em áreas distintas, fator este que pode contribuir para o conhecimento prévio e atuação das mesmas na interpretação de um campo específico.

Outro dado relevante é que 60% das respondentes (três) apresentam formação específica em Interpretação e este percentual sobe para 80% se considerarmos os respondentes com formação na área de Linguística Aplicada.

Experiência e desempenho profissional

Respondente I

Trabalha como intérprete no eixo português-inglês há 22 anos. Não é afiliada a qualquer Associação de Intérpretes. Além da interpretação, atua também na área jurídica. Seus clientes estão inseridos nas áreas técnica e científica. Realiza trabalhos de interpretação esporadicamente. Elencou o fator competência linguística como sendo o de maior importância para a prática da interpretação simultânea, seguido de controle emocional, memória e facilidade de articulação em grupo.

Respondente II

Atua na área da interpretação há cinco anos, nos eixos português-inglês, é afiliada à APIC. Seus clientes estão inseridos na área de legendagem. Realiza cerca

de oito trabalhos de interpretação por mês. Elencou a competência linguística como fator de maior importância para a prática da interpretação simultânea, seguida de memória, controle emocional e facilidade de articulação em grupo.

Respondente III

Trabalha com interpretação há 17 anos, com os idiomas português, inglês, italiano e espanhol. Não é afiliada a qualquer Associação de Intérpretes. Além de atuar na área de Interpretação, também atua no campo de Representação. Seus clientes estão inseridos nas áreas de administração, economia, finanças e agronegócio, seguidos da área política, jurídica e científica e, por último, técnica. Realiza cerca de seis trabalhos de interpretação por mês. Considerou em mesmo nível de importância que conhecimentos gerais, curiosidade, leitura, estudo, competência linguística e controle emocional como fatores de maior importância para a prática da tradução simultânea, seguidos de memória e facilidade de articulação em grupo, esses dois últimos elencados com o mesmo teor de importância.

Respondente IV

Trabalha no eixo português-inglês. É afiliada à ATA (*American Translators Association*). Realiza de um a dois trabalhos de interpretação por mês. Além de interpretar, também é professora. Seus clientes estão inseridos nas áreas técnica, jurídica, financeira e empresarial. Elencou a competência linguística como fator de maior importância para a prática da interpretação simultânea, seguida de controle emocional, memória e facilidade de articulação em grupo.

Respondente V

Trabalha no eixo português-inglês. É afiliada à APIC. Realiza, em média 12, trabalhos de interpretação por mês. Além de intérprete, também é tradutora juramentada. Seus clientes estão inseridos nas áreas técnicas, jurídica, científica e política, além dos campos da Educação e Pesquisa de Mercado. Elencou a competência linguística como fator de maior relevância para a prática da interpretação simultânea, seguida de memória, controle emocional e facilidade de articulação em grupo. Também citou outros fatores relevantes, tais como atenção, conhecimento geral, flexibilidade, discrição e preparação prévia.

Pode-se observar que os idiomas principais trabalhados são os do eixo português-inglês. Notamos também uma presença considerável de clientes nas áreas jurídica, técnica e científica. Dentre os fatores analisados para a prática da interpretação simultânea, o fator competência linguística foi o de maior relevância elencado pelas intérpretes e o fator articulação o de menor. Observemos a tabela abaixo:

Fatores	Nº de respostas
1º - Competência linguística	5
2º - Memória	3
3º - Controle emocional	2
4º - Articulação em grupo	5
5º - Conhecimentos gerais	1

Quadro 1- Fatores relevantes para a interpretação simultânea

Devido aos clientes de algumas das respondentes estarem inseridos na área jurídica, consideramos relevante trazer alguns dados relacionados ao intérprete juramentado, obtidos em nossa pesquisa na rede mundial de computadores.

O pretendente a tradutor juramentado deverá ter a idade mínima de 21 anos para prestar concurso. Se for aprovado, receberá o título de “Tradutor Público e Intérprete Comercial”. Cada Estado realiza seus próprios concursos para tradutor público e fiscaliza os tradutores habilitados no Estado. O órgão estadual responsável pelos concursos e fiscalização é a Junta Comercial. Geralmente, cada junta disponibiliza um site com tabelas de valores das traduções e interpretações.⁴

A seguir, daremos continuidade à análise dos perfis das respondentes.

⁴ Dados disponíveis em: <http://fidusinterpres.com/?p=301>. Acesso em: 30 de outubro.

Questões específicas relacionadas à interpretação

Respondente I

Inseriu-se no mercado por oportunidade. Afirma que a formação acadêmica é uma facilitadora de caminhos. Não julga ser imprescindível experiência no exterior, mas afirma que tudo é mais difícil para quem nunca morou fora.

Para manter-se atualizada lingüisticamente ela leciona, traduz e lê muito. Para aperfeiçoar seu desempenho, ela prepara glossários e faz uso de dicionários no próprio computador. Têm optado por revezar a interpretação a cada 20 minutos com o colega, ao invés de meia hora. Segundo ela, dessa forma o processo fica menos cansativo.

Respondente II

Inseriu-se no mercado por oportunidade. Teve como maior dificuldade obter seus próprios clientes. Afirma que a formação acadêmica específica é essencial, bem como vivência no exterior.

Para manter-se atualizada lingüisticamente, ela estuda os assuntos dos eventos, traduz e pesquisa novidades. Para aprimorar sua atuação, ela desenvolve glossários e pesquisa para os eventos.

Respondente III

Inseriu-se no mercado por oportunidade e conhecimento prévio. A maior dificuldade que enfrentou foi a concorrência. Afirma que a importância da formação acadêmica é relativa, ao passo que a bagagem de conhecimentos anteriores é fundamental. Considera importante a vivência no exterior, pelo menos por um tempo.

Para manter-se atualizada lingüisticamente, ela assiste a filmes, lê e ouve músicas no idioma de interesse. Para otimizar sua atuação, ela fala em voz baixa e edita falas prolixas.

Respondente IV

Inseriu-se no mercado por oportunidade. Teve como principal dificuldade a concorrência. Diz que a formação acadêmica é importante, embora de nada valha se

as línguas de trabalho não forem bem dominadas. Afirmou que experiência no exterior é mais importante que o próprio diploma.

Para manter-se atualizada linguisticamente, ela lê sempre que pode e presta atenção em notícias. Para aperfeiçoar sua atuação, ela afirma que a “*sight translation*” é um ótimo exercício, isto é, traduzir o texto que se lê pela primeira vez.

Respondente V

Inseriu-se no mercado por conhecimento anterior. Teve como maior dificuldade obter clientes. Afirmou que a formação acadêmica específica ajuda muito, embora não seja um pré-requisito. Julga imprescindível vivência no exterior para a atuação do intérprete.

Para manter-se atualizada ela lê bastante. Afirmou que o próprio trabalho de interpretação é uma fonte de atualização linguística. Para otimizar seu desempenho, ela realiza um estudo prévio e elabora glossários.

Podemos notar que a maioria das intérpretes se inseriu no mercado por oportunidade, enfrentando como maior dificuldade a concorrência. Devemos salientar a importância da tecnologia para atuação dos intérpretes, pois os mesmos fazem uso de *notebooks*, *pen drives*, dicionários, bancos de dados, e glossários eletrônicos. Devemos destacar também a importância de praticar exercícios no dia-a-dia para aperfeiçoar a atuação do profissional durante a interpretação, bem como a leitura, pesquisa, busca de curiosidades, busca de discurso oral em língua estrangeira por meio de aparelhos de áudio e vídeo e realização da “*sight translation*”.

A seguir, traremos as considerações finais deste estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com o estudo apresentado, o qual foi baseado nas obras de Jones (2002), Pagura (2003), França (2003) e Magalhães (2007), que há muito mais a ser considerado para a interpretação do que apenas os fatores linguísticos.

Outro fator importante é que, a interpretação simultânea começou a se destacar historicamente após o Julgamento de Nuremberg, na Alemanha, em 1945.

Podemos perceber certa carência de institutos que oferecem o curso de interpretação no Brasil. Em contrapartida, nota-se uma grande diversidade de cursos na Europa.

Em relação à principal diferença entre os profissionais da área de tradução e os da interpretação é que o tradutor trabalha com o texto escrito e o intérprete com o texto oral.

Por meio da análise dos dados coletados das intérpretes, podemos inferir que não há uma idade certa para começar a carreira de intérprete, que toda exercício é válido para aperfeiçoar o desempenho profissional, seja lendo ou assistindo a programas em língua estrangeira, ou até mesmo pela realização da “sight translation”.

Outro dado importante é que a maioria das respondentes julgou que, para o bom o desempenho do intérprete, é imprescindível a vivência em países de imersão nos quais a língua estrangeira é falada, além de considerarem de maior importância a bagagem de conhecimentos culturais e específicos anteriores, bem como o a boa articulação da língua estrangeira em diversos níveis.

REFERÊNCIAS

AIIC. Disponível em: <<http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/article8>>, acesso em: 20 de agosto de 2010.

ALVES, F. e R. PAGURA. **The Interfaces between Written Translation and Simultaneous Interpretation: Instances of Cognitive Management with a Special Focus on the Memory Issue.** In: *Proceedings of the XVI FIT World Congress.* Vancouver, Canadá, 2002.

APIC. Disponível em: < <http://www.apic.org.br/>> acesso em 10 de setembro de 2010.

FRANÇA, L. H. S. **Um curso de interpretação glocal.** São Paulo, 2003.

FRANÇA, Lucia Helena de Sena. **Lattes.** Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/index.jsp>>, acesso em 10 de outubro, 2007.

JONES, R. **Conference Interpreting Explained.** Manchester: St. Jerome, 2002.

MAGALHÃES, E. Jr. **Sua majestade, O INTÉRPRETE.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PAGURA, R. J. **A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores.** São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502003000300013&script=sciarttext&lng=en>>. Acesso em: 10 de junho, 2010.

PAGURA, Reynaldo José. **Lattes.** Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/index.jsp>>, acesso em 10 de outubro, 2007.

WYLER, L. **LÍNGUAS, POETAS E BACHARÉIS: uma crônica da tradução no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



Caro Intérprete,

Este questionário tem por objetivo coletar os dados a respeito de sua formação acadêmica, perfil e atuação profissional. Os dados serão utilizados para compor o texto de minha monografia de final do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Sagrado Coração de Bauru, SP. Esclarecemos que sua identidade será preservada. Agradecemos desde já sua colaboração e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Obrigado,

Victor Osório Diegoli Paffetti – e-mail: vi-paffetti@ig.com.br

Aluno quarto-anista do Curso de Bacharelado em Tradução da

Universidade Sagrado Coração - Bauru/SP

Parte I – Dados pessoais

Nome: _____

Sexo: () masculino () feminino

Idade: ____ anos

Parte II – Dados acadêmicos

1) Graduação

Instituição: _____

() Pública () Privada

Curso:

Ano de Conclusão:

2) Especialização Lato Sensu

Instituição: _____

() Pública () Privada

Curso:

Ano de Conclusão:

3) Mestrado

Instituição: _____

Pública Privada

Curso:

Ano de Conclusão:

4) Doutorado

Instituição _____

Pública Privada

Curso:

Ano de Conclusão:

5) Outros cursos

Curso:

Instituição:

Ano de Conclusão:

6) Escola de Idiomas

Qual(is) idioma(s) estudado(s):

Início do curso:

Instituição:

Ano de Conclusão:

7) Cursos/Vivência no exterior

sim não

Curso:

Instituição:

Ano de Conclusão:

Se somente viveu no exterior, sem estudar formalmente, quanto tempo de permanência no país:

8) Possui cursos específicos de tradução/interpretação simultânea ou consecutiva?

sim não

Curso:

Instituição:

Ano de Conclusão:

Parte III – Dados profissionais

1) Quanto tempo trabalha como intérprete? Com quais idiomas trabalha?

2) É afiliado a alguma Associação de Intérpretes? Qual(is)?

3) Em média, quantos trabalhos como intérprete de conferência você realiza por mês e em quais áreas? Você os desenvolve individualmente ou trabalha com um grupo?

4) Você possui trabalhos publicados e/ou editados? Liste-os.

5) Você atua em outras áreas além da interpretação?

sim não Qual(is)?

6) Em quais áreas estão inseridos seus clientes? Utilize (1) para a de maior número e subsequentes (2), (3), (4) para os de menor.

- Técnica
- Científica
- Jurídica
- Política
- outros – quais(is)? _____

7) Os fatores abaixo estão relacionados à prática de interpretação simultânea. Enumere-os de acordo com sua relevância. Utilize (1) para o fator de maior relevância e subsequentes (2), (3), (4) para os de menor.

- controle emocional
- memória
- facilidade de articulação em grupo
- competência linguística
- outros – qual(is)? _____

Parte IV – Dados específicos a respeito da interpretação

- 1) Ao se inserir no mercado, a área específica (jurídica, médica, etc.) surgiu por conhecimento anterior ou por oportunidade?
- 2) Ao se deparar com o mercado de trabalho, quais forma as principais dificuldades que você enfrentou?
- 3) Qual a sua opinião quanto a relevância ou não de formação acadêmica específica em tradução?
- 4) Você acha imprescindível experiência(s) de imersão em países nos quais o idioma é falado como primeira língua para a atuação do intérprete?
- 5) O que você faz para manter-se atualizado linguisticamente?
- 6) Você, ao longo de sua experiência, desenvolveu alguma técnica que tenha otimizado sua atuação? Qual?